



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Mário David Vanin FG188

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.024.SIN-TRA

Entrevistado/a: Mário David Vanin

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Susana Storchi Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 11 de janeiro de 1996

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Considerações sobre a Festa da Uva; lembranças da primeira vez que assistiu à Festa da Uva.

Carros alegóricos: "Volta ao mundo"; confecção de carros pela família de Isaac Menegotto; "A Cuia Dourada" (Eberle).

Atuação como presidente da Festa da Uva: 1984 (revitalização da Festa). Comissão Central da Festa da Uva: caráter, atuação, criação da Empresa Festa da Uva Turismo Empreendimentos S.A. (história). Comissão Organizadora de 1992: componentes.

Eleição das rainhas e princesas: mudanças, importância e responsabilidade da escolha e do cargo.

A Festa da Uva de 1984 e a expectativa para a festa de 1996, ambas presididas pelo entrevistado.

Doação de fotografias para o "Museu da Festa".

Hospedagem de turistas; equilíbrio entre festa e feira; Palácio das Uvas: atrações.

Joaquim Pedro Lisboa: o pai da Festa da Uva.

Desfile: organização do curso para a Festa de 1996.

Homenagem à Festa da Uva no Carnaval do Rio de Janeiro.

Pavilhões da Festa da Uva: construção, Festa da Uva de 1975.

Considerações sobre Caxias do Sul: economia.

Transcrição:

Sônia: Nós estamos aqui com o Dr. Mário Vanin, atual Prefeito de Caxias, ele foi presidente de duas Festas da Uva, vai nos dar as suas impressões e experiências em torno da Festa da Uva. Mas

eu gostaria antes, doutor Mário, que o senhor falasse um pouquinho da sua família, da sua infância, pra depois chegar até a cidade.

Mário: Muito bem. Eu fico muito satisfeito em poder estar aqui e falar sobre Festa da Uva. Festa da Uva pra mim é algo que diz muito, que fala muito forte e, de todos os lugares onde eu passei na comunidade de Caxias, foi na Festa da Uva onde eu encontrei a alma dos caxienses. Porque ela é de todos na verdade; todos se sentem e são de fato, ah, proprietários da Festa da Uva. Ao passo que na prefeitura sempre tem problemas de ordem política, partidária, etc., na Festa da Uva não. É algo onde se percebe a alma de Caxias do Sul, por isso que ela não podia jamais morrer, porque seria o nosso próprio fracasso. E mais contente ainda eu fiquei pelo convite que me foi feito pela Sônia e pela Suzana, de poder contar algumas coisas, eu vou procurar, vou contar aquelas histórias da Festa da Uva que todo mundo sabe, que começou em 1931, que vieram tantos presidentes, não. Alguns detalhes que eu vivenciei, que na verdade fui presidente de duas Festas da Uva, e como prefeito estou agora, já que a Festa da Uva pertence ao município, também participando em mais duas Festas da Uva, isto é, quatro Festas, que já é um aprendizado, né? Mas a Festa é muito mais do que isso. Eu, um menino lá do interior de São Marcos, filho de uma família de nove irmãos, meu pai faleceu quando eu era jovem ainda, tinha dezessete anos, era o quarto da família... Qual é o menino ou menina do interior, e não é o interior como hoje, que o interior de hoje tem TV a cabo, tem tudo. Não, na época nós tínhamos lamparina, um lampião a querosene, estudava na lousa né, naquela escolinha unidocente, qual era, qual seria o sonho de um menino do interior, a não ser de conhecer a cidade grande, a não ser conhecer Caxias e conhecer uma Festa da Uva da qual tanto se falava? Eis que apareceu a oportunidade! Eu não lembro bem que idade eu tinha, mas tinha cerca de dez anos, coisa assim, quando nós, da minha região do interior de São Marcos, na localidade chamada Zambicari, com mais um grupo da sede, lotamos um caminhão na época, coberto com uma lona, com bancos e viemos pra Caxias pra ver a Festa da Uva. Foi deslumbrante! E até hoje estão nas minhas retinas o que eu vi! O encanto daqueles carros alegóricos, a rainha, as princesas abanando, aquela magia, aquele sonho, aquilo foi muito fantástico, nunca mais, na verdade, saiu da minha memória. E também jamais imaginaria que um dia eu pudesse ser presidente de duas Festas da Uva. Deus, neste sentido e em outros também, foi muito bondoso comigo, porque daquelas coisas que ficam na imaginação dos meninos, das meninas né, a Festa da Uva, pra mim, foi a mais marcante, primeiro por ter conhecido Caxias, segundo por ter visto aquela magia toda. E evidente que foi assunto pra nós de meses e meses. E depois, ainda quando vim para Caxias, depois de um tempo, e conheci a minha esposa hoje, a Vera, ela também, a família dela tem história muito vinculada, muito íntima com a Festa da Uva. Meu sogro, Isaac Menegotto, durante trinta e nove anos! Pô, trinta e nove anos! É a idade que muitos estão me ouvindo, é a metade da idade de muitos que estão

me ouvindo, durante trinta e nove anos ele confeccionou e ajudou fazer os desfiles, os carros alegóricos. Eu vi, quando eu comecei namorar minha esposa, hoje, eu via fotografias que ela me mostrava com cerca de três anos de idade, um carro chamado Volta ao Mundo, nunca esqueço, ela e as companheiras delas, que a maioria eu conheço, né, com cerca de três anos de idade abanando para o povo nas ruas.

Sônia: É do seu Isaac [inaudível]?

Mário: É do seu Isaac, Volta ao Mundo.

Sônia: Eu lembro desse carro.

Mário: Pois bem, depois, aí mais adiante, quando já era noivo, eu ajudei, junto com a Vera e toda a família, a grampear papel, a forrar carro de, da Festa da Uva, os carros da rainha. E lá, logo adiante, por coincidência, acabei sendo presidente da Festa da Uva uma vez, duas vezes. Na primeira vez em [19]84, quando já fazia cinco anos que não se fazia Festas, já não se ouvia falar em Festa, já tinha desaparecido do mapa das agências de viagem, das agências de turismo né, estava com falência, pedida no fórum, a empresa. E eu, talvez, por aquele fato acontecido na infância, de forma até meio irresponsável, respondi ao governador Jair Soares, na época pertencia ao Estado a Festa, e ao secretário Ortiz Wolf de Gramado que, atualmente, na época era secretário de Turismo, quando me fizeram um apelo pra ser presidente da Festa da Uva, eu titubeei um pouco, mais não resisti à hipótese de dizer que aceitaria. Eu disse “Não, eu aceito”. Acho que foi aquilo que tinha acontecido comigo, porque alguém de boa consciência, tranquilo, racional, só racional, naquela hora não ia dizer que aceitava. Isso era maio, tinha que se fazer a Festa em fevereiro, fazia cinco anos que não se realizava a Festa, estava distribuído no fórum um pedido de falência, a empresa não tinha créditos, a comunidade já não acreditava nisso. Eu lembro, quando desci, na manhã seguinte, do meu apartamento, no balcão da entrada, no hall de entrada do prédio, onde eu morava, estava o jornal Pioneiro na época também, com uma manchete muito grande em cima, que dizia “Vanin assume a Festa da Uva e promete realizá-la em fevereiro”. Eu lembro que comecei tremer, não consegui ler o texto e disse “Pois bem, está feito, vamos fazer a Festa”. O pessoal que estava ali perto, estava ao redor, né, e disse “É isso mesmo, vamos fazer”. E a partir daí nós chamamos a comunidade e quem fez a Festa, dali em diante, foi comunidade até hoje. Quem salvou a Festa foi a comunidade. Nós começamos a fazer um apelo, porque não podíamos perder aquilo que há de mais sagrado em Caxias, que é a Festa da Uva, que é um símbolo da própria Caxias do Sul. Se você for num lugar e falar “Eu sou de Caxias do Sul”, logo vem a pergunta “E a Festa da Uva, quando é? Como vai?” Se você fala em Festa da Uva “Ah, Caxias do Sul”. Na semana passada, eu estive com a rainha e as princesas, ah, mês passado né, estive com as rainhas e as princesas, junto com o Nestor

Perini, que é o presidente comunitário da Festa, e com o Presidente da República e, ele, numa conversa bem informal, bem amigável, ele nos recebeu no Palácio da Alvorada, ele dizia pra nós que a Festa da Uva, faz muitos anos que ele ouve falar na Festa da Uva, que pra ele era algo familiar, que ele tinha muita curiosidade, muito desejo inclusive, de visitar a Festa da Uva e que, também, jamais imaginaria que ele, como presidente, viesse abrir a Festa da Uva. Então, eu só colocaria uma pergunta no ar pra gente pensar um pouco, né? Vocês já imaginaram se a comunidade, se todos nós, se eu não tivesse aceito, se a comunidade não tivesse participado da Festa da Uva, se tivesse ido a falência mesmo, tivesse desaparecido, eu acho que seria como negar as nossas raízes. Negar a coragem e o sacrifício que fizeram nossos imigrantes. Seria negar a nós mesmos. E que vergonha seria pra nós, quando alguém nos perguntasse “Ah, Caxias! E a Festa da Uva?” E nós tivéssemos que dizer: “Ah, não existe mais”. Por isso que passados, olha, alguns anos, foi em [19]84 que eu fui presidente, agora nós estamos em [19]96, passados doze anos pela primeira vez, vamos dizer, que me é dada a oportunidade, nesse programa, que tem ele um sentido mais de mexer no coração das pessoas, eu queria agradecer profundamente a todos aqueles caxienses que foram mais de cem, duzentos, na época, que trabalharam de graça, que pagaram pra trabalhar, que como tipo de Festa de Igreja, né, que a gente faz, que conseguiram levantar a Festa da Uva, ou seja, levantar a própria cidade, e ela hoje é o nosso orgulho. Então, nesse espaço eu gostaria de agradecer muito que isso aconteceu, não foi uma coisa boa que fizeram ao Mário Vanin, que é passageiro. Mas foi a Festa da Uva que é permanente, que é a nossa marca, né, que é Caxias do Sul.

Sônia: Doutor Mário, assim, como mais ou menos a gente leu, a comissão da Festa era comunitária, era... o Estado não participava, era... organização era a mesma que aqui em Caxias. Como é que passou esse processo, ela pertenceu ao Estado e quando que aconteceu isso?

Mário: É, aconteceu o seguinte: nós tínhamos uma chamada Comissão Central da Festa da Uva, que era uma comissão comunitária. Ela tinha um estatuto, apenas uma... era uma comissão, ela tinha estatuto registrado no cartório de títulos e documentos pra poder receber verbas, auxílios, etc. Inclusive nessa época eu já trabalhei, quando o Mário Ramos foi presidente da Festa da Uva, era Comissão Central Comunitária ainda e, eu, até naquela época, trabalhei numa das comissões. Posteriormente, se criou a Empresa Festa da Uva Turismo Empreendimentos S.A. pra poder, além da Festa da Uva, realizar outros eventos e também pra dar uma estrutura melhor. Por que o que acontece? As Comissões Centrais faziam as Festas da Uva, o seu Humberto Bassanesi, o seu Otoni Mingueli, o presidente da Festa da Uva, o seu Bertilo Wiltgen, etc, quando terminava a Festa não tinha nem onde botar as coisas, os cartazes, o que sobrava. Por isso se perdeu muita coisa da Festa, entendeu? Muita coisa. Então, quando se decidiu se fazer empresa, que foi no governo Mário

Ramos, como prefeito, ah, se conseguiu fazer empresa, entrando a antiga Comissão Central, como acionista; a prefeitura municipal, como acionista; a EMBRATUR [Empresa Brasileira de Turismo], que na época colocava dinheiro a fundos perdidos, chamados programas FUNGETUR [Fundo Geral de Turismo] também; o Estado entrou, o Estado do Rio Grande do Sul em vez de dar os auxílios dados, ele passou ser acionista; e a CRTUR [Clube Riograndense de Hotéis Lazer e Turismo] também, ele fazia através da CRTUR, o BANRISUL [Banco do Rio Grande do Sul]. Só que, com o tempo, como a Festa foi mal, infelizmente, financeiramente ela foi mal, o que que aconteceu? O Estado socorreu a empresa. Ao invés de dar dinheiro ou auxílio, ele passou a subscrever as ações. E o Estado, quando se perceberam, passou a ser majoritário na S.A. [Sociedade Anônima], passou a ter cinquenta e dois por cento. As duas Festas da Uva que eu fiz, na verdade, o majoritário era o Estado e lá então, quem fazia as Festas era a empresa. Eu já, naquela época, eu defendia que não tinha que ser a empresa, que tinha que ser a comunidade, porque quem sempre fez a Festa foi a comunidade e não adianta querer fazer a Festa sem povo, né? Bom, mas não deu! Logo que eu assumi a prefeitura nós adquirimos do Estado, compramos do Estado aquilo que era nosso, aliás devia ter sido dado pra nós, que já.... dado já era caro. Mas, como já havia sido acertado pelo prefeito anterior e tal, eu não quis perder a oportunidade e compramos a empresa Festa da Uva. Até hoje nós... são sessenta prestações de, de quarenta e poucos mil reais, o Estado se comprometeu por lei agora, devolver esse dinheiro pro Hospital Geral, nós estamos, a prefeitura está pagando religiosamente. Mas, como a prefeitura então passou a ser a detentora das ações da empresa, vamos dizer, uma sócia majoritária, o prefeito é que podia nomear o presidente, como eu nomeei, que é o Flávio Ioppi, com grande experiência e tudo, secretário de Turismo, mas eu retomei aquela velha ideia que eu tinha de que quem tem que fazer a Festa da Uva é a comunidade. A empresa tem que fazer outros eventos, está fazendo outros e muito bons eventos, certo? Criou o Som e Luz, está fazendo agora o centro de convenções, e tantos eventos tão sendo feitos, FENAMALHA [Feira Nacional da Malha], FEBRAMEC [Feira Brasileira de Mecânica], MERCOPAR [Feira de Subcontratação Industrial do Mercosul], etc. Mas a Festa da Uva é uma coisa diferente! Ela é comunidade! Então, eu fui procurar uma comissão comunitária, né, pra fazer a Festa, que está trabalhando de graça. Essa comissão da Festa de [19]84 já fez uma belíssima Festa, pagaram os oitocentos mil dólares de dívidas, que nós encontramos na empresa, quando passou do Estado. Está tudo pago, bonitinho, não se deve mais nada, ainda uns troquinhos pequenos, nós temos uns troquinhos ainda guardados. E, na noite que encerrou a Festa de [19]84, foi tão maravilhosa a Festa, que nós até sem consultar, só comunicamos né, aos cinco principais membros da comissão da época, no encerrar da Festa, quando tocava o, o... Tchaikovsky. Mil, mil...

Sônia: 1912 [1812].

Mário: 1912 [1812], e o espocar dos canhões e fogos né, eu cheguei no Nestor Perini, que era presidente, ao Paulo Bellini, que era vice-presidente, ao Ruy Pauletti, que era vice-presidente, ao Ruy Prata, que era vice-presidente, o Moacyr Sachet, ao Jaime Lovatel e só passei no ouvido naquele povo, muita gente, naquele momento, assim, fantástico, apoteótico e disse pra eles “Vocês vão fazer a próxima Festa!” Eles não tiveram tempo de dizer que não, porque eu peguei o microfone, anunciei e o povo todo aplaudiu e está aí esta mesma comissão, que agregou um bocado mais de gente fazendo uma Festa da Uva espetacular, a de [19]96 vai ser apoteose dos cento e vinte anos de imigração. Vai ser o resgate total né, das Festas da Uva e de tudo que aconteceu nos cento e vinte anos.

Sônia: Seu Mário, Dr. Mário, eu fico até meio assim de perguntar, não sei, eu preferia deixar o senhor livre. O que eu poderia perguntar aqui, ah, esses regulamentos da eleição da comissão, como é que era? Ou como é que é hoje?

Mário: Olha, os tempos tem que se adequar né, a época tem que se adequar aos seus tempos. Eu, por exemplo, quando fui presidente da Festa da Uva, já em [19]84, era tradição fazer a escolha da rainha e das princesas no baile de gala. Ah, era transmitido pela televisão, tudo bonitinho, foi feito no Recreio Juventude. Primeira rainha, quando eu fui presidente, foi a Marisa Dotti, ah, Antônio Prado inteira estava ligando, porque ela era de lá, estava ligando na televisão. A televisão local na época transmitiu pra toda cidade e foi recebida a notícia da eleição da Marisa né, junto com a Sônia Tomazzoni, e com a Adriana Tonietto de uma forma fantástica, porque a cidade virou um foguetório só. Bom, mas era um ambiente fechado, num baile de gala, as mesas, eu lembro, que telefonavam lá pra casa né, oferecendo gorjeta se a gente arrumasse uma mesa a mais, porque não tinha, né? Mas, depois também os tempos mudam, porque, se é uma Festa popular, da comunidade, nem todos podem ir ao Clube Juventude, Clube Juvenil, Cruzeiro, Guarany, etc. Então, se mudou o esquema e a escolha está sendo feita hoje com participação popular, como foi na última, com mais de treze mil pessoas, com espetáculos da Daniela Mercury, né, e que foi como todos viram, foi algo espetacular, algo sensacional, que emocionou, foi a partida inicial da Festa. E a rainha e as princesas elas têm um simbolismo profundo na Festa da Uva, elas são uma espécie de alma da Festa, porque as crianças gostam, os adultos gostam e, olha, eu fui presidente da Festa da Uva duas vezes, fui prefeito duas vezes, mas se vocês perguntarem quem foi o prefeito de 1969, você que está ouvindo pensa um pouco... Quem foi prefeito? As pessoas vão pensar? “Bom, foi fulano, depois foi fulano”, isso que aqui em Caxias não foram muitos, né, se repetiu muita coisa, né? Mas as pessoas tem que pensar quem é que foi o prefeito de 1969. Mas, se perguntar quem foi a rainha da Festa da Uva de 1969, todo mundo diz na hora. Então, é algo assim muito forte nosso, muito importante, a escolha

da rainha é muito importante. E, ultimamente, as duas últimas Festas, eu até participei do júri, tem sido assim muito profissional, procurando ler as entrevistas durante um dia inteiro, vendo a cultura, a possibilidade das meninas venderem, no bom sentido, a Festa da Uva, e também terem aquela representação da beleza da mulher caxiense. Caxias se destaca, tem fama de ser uma cidade de mulheres bonitas. Isso é muito bom pra nós, né? Mas a... e nós temos tido sorte, tanto na Festa da Uva de [19]84, como na atual Festa. Não só sorte porque são umas meninas bonitas, mas porque elas têm sido, elas se doaram, elas estão se doando, as atuais, elas trabalharam. Agora, recentemente, na volta da viagem a convite do presidente da República, elas no avião da VARIG [Viação Aérea Riograndense], um dos seus patrocinadores, elas foram lá, falaram com o comandante, o comandante autorizou, comunicou pelo alto-falante do avião, que se encontravam presentes a rainha e as princesas da Festa da Uva de Caxias do Sul, elas passaram passageiro por passageiro, entregando um folheto. Quer dizer, é algo fantástico, que a gente não faz nem por um negócio da gente, a gente fica com vergonha, mas, para Festa da Uva a gente faz tudo. Eu sempre disse que, olha, eu não faço às vezes pra mim aquilo que eu faria pela Festa da Uva. Se vocês perguntarem “Olha, tu passaste não sei onde, pelo Juventude, pela Universidade, pela Festa da Uva, vice-reitor da universidade, não sei o quê, vereador, prefeito duas vezes, vice-prefeito duas vezes, qual foi o lugar que te marcou, que te estigmatizou, que ficou e que não sai, que tá grudado?” Ah, foi a Festa da Uva. Porque na Festa da Uva a gente sente a força da comunidade, sente, acontece coisas fantásticas. Eu lembro, na primeira Festa, eu fiz um apelo na comunidade quem tivesse em casa, fotografias antigas da Festa, documentos, etc., que nós estávamos começando um Museu da Festa, até tenho praticamente a documentação toda pronta pra poder lançar um livro, eu vou querer fazer junto com o Jimmy Rodrigues, liguei pra ele, que ele escreve bem melhor que eu, né, mas com todos os dados, desde a primeira Festa, com fotografias, fui, procurei do meu bolso, eu gosto muito da Festa da Uva. Mas uma coisa me marcou muito na ocasião, aí eu senti que a Festa da Uva ia dar boa em [19]84, apesar de cinco anos que não se fazia, quando veio uma senhora e disse “Olha, eu vi o senhor falar no rádio, eu estou trazendo aqui, tirei da sala da casa da gente, -se via que era uma pessoa simples-, uma fotografia, onde nós estamos recebendo uns parentes de Santa Catarina, - não sei de onde, não me lembro bem onde era, ou se era do Paraná - aqui que estão aqui em frente ao pórtico de entrada da Festa da Uva”. É uma fotografia daquelas bem antigas, com o vidro na frente quebrado e ela pediu desculpas. “Olha, desculpa, porque rachou, porque uma vez caiu e tal. Tirei da sala da minha casa e, como a sala é de madeira, ficou bem a marca, onde que estava essa fotografia, porque deve fazer mais de vinte e cinco anos que essa fotografia está lá”. Quer dizer, um gesto como esse significa que a Festa da Uva está muito viva, muito forte no coração das pessoas. E outras coisas interessantes, como por exemplo, pra não falar assim, coisas concretas da Festa da

Uva, que tanta gente pode contar e todo mundo sabe, né, ela tem alguns dados que muita gente não tem a menor ideia. Eu conheço dois amigos meus, um mora em Antônio Prado, chama-se Dr. Itacir Bressan, um advogado, e outro mora aqui em Caxias, chama-se Alcides Perini, Perini. Eu estou dando um nome pra dizer exatamente que isso é um fato, né? Mas aconteceu com do doutor Itacir, que é meu amigo, se ele estiver ouvindo vai me matar. Bom, naquela época tínhamos poucos hotéis, menos que agora, então a comissão de hospedagem ela trabalhava muito mais. E Caxias também era menor, então as pessoas também ofereciam mais casas pras pessoas ficarem, pra alugar etc. Veio uma família do Rio de Janeiro, da Guanabara mais exatamente, né, ah, filha de um general, e o general e a esposa, uma moça chamada Tânia, que hoje é advogada, minha aluna, vieram visitar Caxias e se hospedaram na casa de uma dessas famílias, que ofereciam o seu, alugavam um quarto, como se dizia na época, certo? Mas, fizeram amizade com a família, não cobraram nada, já passaram a ser praticamente da família. E um rapaz de Antônio Prado, que era sobrinho dessa família, veio também na casa dos tios pra assistir à Festa da Uva. Pra resumir a história: a moça do Rio de Janeiro, da Guanabara, mora hoje em Antônio Prado, é esposa de um grande advogado de lá, um grande empresário, casaram, têm filhos, ela foi minha aluna aqui na Universidade. O Jornal do Brasil contou essa história. Quer dizer, as histórias da história da Festa da Uva. Porque atrás da história da Festa da Uva existem muitas histórias, e histórias muito bonitas, e histórias muito interessantes. Eu acho que por causa da força dessas histórias, né, é que a Festa da Uva permanece com esse calor, com esse carisma que tem.

Sônia: O senhor quer falar mais alguma coisa, Dr. Mário? Não sei, eu poderia perguntar que mudanças o senhor sente na trajetória da Festa desde a sua infância, daquela primeira que o senhor viu, até hoje?

Mário: Olha, eu acho que houve um tempo, pra ser sincero, porque a Festa da Uva perdeu um pouco o equilíbrio que ela deve ter entre festa e feira. É necessária a feira pra poder fazer a festa, mas não é possível fazer com que a feira supere a festa, porque feira é feira e festa é festa, e se vendia toda uma ideia de festa com músicas, com danças, com culinária, né? E as pessoas chegavam aqui e, na verdade, encontravam uma grande feira. Isso já em [19]84 ouvi eu esse tipo de reclamação, porque nós fizemos um questionário, entregamos pras principais operadoras, transportadoras como SOLETUR [Sol Agência de Viagens e Turismo] [inaudível], Panorama, etc. Só a SOLETUR, pra ter uma ideia, não é propaganda, é bom que seja propaganda, quanto mais gente traz pra cá melhor, só a SOLETUR, no eixo Rio-São Paulo, trouxe cento e um ônibus na Festa da Uva de [19]86, eu acho que foi, até nós concedemos um presente a essa empresa. Pois bem, mas eles reclamaram de duas coisas básicas: uma é que se vendia muito a imagem de festa,

dança, uva, “pa, pa”, chegava aqui isso também, mas encontravam em grande parte uma feira, onde eles eram obrigados a ir, tipo brecado pra aqueles corredores, passar toda aquela feira, às vezes com poucos lugares pra sentar, morto de cansado, né? E, na verdade, se nós somos turistas e vamos visitar uma festa, nós queremos festa, né? Por que a *Oktoberfest* atrai tanta gente? Porque na verdade é festa, né? Então, acho que ultimamente tem havido esse equilíbrio, as comissões tem sabido encontrar essa parte da feira bonita, moderna, mas sem olvidar, sem esquecer da festa, especialmente a de [19]96, né? Há todo esse cuidado, há todo um clima envolvendo a parte apelativa do próprio VT, que é muito bonito, que o povo encontre aqui. Uma das coisas, por exemplo, que nós construímos, que a prefeitura construiu, porque a empresa é da prefeitura, construiu o centro de eventos, que vai se chamar Joaquim Pedro Lisboa, se a Câmara aprovar, porque foi o primeiro presidente, foi o criador, o pai da Festa da Uva, né, mas, durante a Festa da Uva, esse local vai se chamar de Palácio das Uvas, porque vai ter a exposição das uvas num local nobre, nobilíssimo, que uma das reclamações “que Festa da Uva que eu não consigo ver uva” ou, então, tinha que passar na entrada correndo porque vinha gente atrás. Agora ela tá num lugar nobre, no meio da feira, onde a pessoa já viu bastante coisas bonitas, onde ela pode sentar, examinar com calma toda aquela exposição, logo abaixo ela vai poder saborear, vai poder desfrutar, vai poder comer à vontade uvas boas, de primeira qualidade, onde tem água, onde tem bancos pra sentar e, mais do que tudo, é bem no final do Pavilhão Um, onde aos fundos envidraçados vai se enxergar a cidade, vai se enxergar o esforço da América que nós fizemos. Quer dizer, então este ano de [19]96, a Festa da Uva vai conseguir resgatar essa coisa, que estava prejudicando um pouco a imagem junto aos agentes de viagens, junto àquelas pessoas que querem fazer turismo, entendeu? Por que feiras nos temos outras tantas, né? Então agora...

Sônia: E a feira é igual em qualquer centro.

Mário: Exatamente, toda feira é igual. E outro ponto: eu acho que já passou o tempo que você largava um carro alegórico lindo, lembro de alguns lindíssimos que marcaram época em Caxias, na rua, entendeu? Largavam em um lugar maravilhoso, a cuia dourada, feito com.... com a Miss Rio Grande do Sul em cima, me lembro a Ieda [Vargas], era do Eberle aquele carro lindíssimo. O Eberle está fazendo cem anos esse ano e vai fazer uma participação fantástica na Festa da Uva, né? Pois é, largavam a cuia belíssima, maravilhosa, né, mas atrás vinha o carro dos caçadores, dando tiro. Quer dizer, não tinha nada a ver, vamos dizer, a ver com o desfile, não contava nenhuma história. Como a Festa da Uva [19]96, é montada sobre uma história “A América que nós fizemos”, não só dos antepassados como nós, então o próprio desfile vai contar uma história. Assim, o carro não precisa ser luxuoso, porque hoje nós não estamos nos dias de gastar demais, né, Sônia e Suzana? Estamos

em dias de fazer coisas criativas e inteligentes. Então, ele vai contar uma história sem se gastar demasiadamente, mas vai ter um enredo. Aliás, nós aqui fazemos os carros bonitos, e não tínhamos enredo; no Rio faziam os carros todos esculhambados no carnaval, mas tinham enredo, né? Agora, nós estamos fazendo diferente: eles estão fazendo os carros mais suntuosos, nós podemos até fazer mais simples, mas tem um enredo que toca o coração de todos. Aliás, por falar em carnaval no dia vinte, vinte, né, ou dezenove que começa o carnaval.

Suzana: Dezesseis ou dezessete por esses dias por aí.

Mário: Mas os desfiles das escolas de samba devem ser no dia dezenove ou vinte, lá estarão nossa rainha Patrícia Pezzi, a Márcia Maróstica e a Valéria Vaz, desfilando num carro em homenagem a Festa da Uva na escola Unidos da Vila Isabel, cujo tema é: “A heroica cavalgada de um povo”, sobre o Rio Grande do Sul, e uma boa parte dela é dedicada a nossa região italiana, e o destaque é a Festa da Uva, inclusive, aparece no samba-enredo com muita força, né, aquela chamada “Festa da Uva, não sei sambar”, mas aparece com muita força e as meninas vão estar lá, exatamente três dias antes de iniciar a Festa da Uva. Vocês imaginam que *marketing* isso representa pra, pra Festa da Uva!

Sônia: Sendo assim, a Festa da Uva teve marcos. Assim, [19]37, não a primeira, depois [19]37, depois parou por causa da guerra, [inaudível] [19]50, depois aconteceu nos pavilhões?

Sônia: Em [19]75 foi outro marco e o senhor estava presente, foi a construção dos novos pavilhões. O que significou essa Festa de [19]75?

Mário: É outra, você colocou muito bem, a Festa da Uva teve marcos importantes. Em [19]75 foi um marco de implantação definitiva da Festa da Uva, da possibilidade de continuação de Festa da Uva. Porque não daria pra nós fazermos a Festa da Uva hoje, num pavilhão como aquele onde está a prefeitura e nós precisando de espaço. O Mário Ramos, na época, comprou trinta e poucos hectares, eu comprei mais cinco, logo em seguida quando eu assumi a prefeitura, são trinta e nove hectares, que estão hoje dentro de plano diretor, ah, aprovado e organizado e não pode se fazer nada fora do lugar, tudo tem seu esquema e preparado, inclusive, por aqueles mesmos que construíram o consórcio pra construir pavilhões, hoje é coordenado pelo arquiteto João Alberto Marchioro, inclusive o centro de eventos, tudo, do mesmo pessoal que fez os primeiros, os pavilhões e os primeiros...

Sônia: Foi concorrência, foi concurso na época?

Mário: Foi concurso na época. Eles ganharam e agora nós mantivemos esse pessoal pra não descaracterizar. Pois bem, só que se ampliou hoje a Festa da Uva, o parque da Festa da Uva é um

parque, é considerado um dos parques de maior rotatividade no Brasil em termos de empresa, em termos de eventos. No ano passado nós tivemos... a maior feira da área: a FENAMALHA superou a FENIT [Feira Nacional da Indústria Têxtil], e a FEBRAMEC também superou, não lembro qual é a de São Paulo, também foi, superou essa vez. Então, tivemos três eventos, e a Festa da Uva, no seu âmbito, no seu segmento, é maior, uma cidade do interior que tem quatro maiores eventos de todo país, tem que se orgulhar evidentemente. Mas faltavam algumas coisas, ah, centro de eventos, centro de convenções, porque... Quando, por exemplo, determinado segmento, segmento de informática, vamos dizer, faz uma feira, ele quer ao mesmo tempo realizar um seminário, um encontro, ele tem que ter locais, então esse centro de convenções tem toda estrutura, todo esquema, comunicações, telex, fax, etc., sala para reuniões menores, você pode abrir ou fechar, esse salão pode ficar menor ou maior, né, estamos dando a condições de infraestrutura para que isso aqui seja realmente o grande parque de eventos do MERSOCUL. Por que eu digo do MERCOSUL? Por uma razão muito simples, né, vocês que conhecem compasso melhor que eu né, é só pegar o mapa, quem tiver em casa, faça a experiência com um mapa, é só pegar um mapa do sul do país, colocar o compasso em cima de Caxias do Sul, fazer a volta e vai ver que nós somos o epicentro do MERCOSUL. Ou seja, dos dois maiores, das duas maiores capitais, nós ficamos a mil quilômetros de São Paulo e a mil e poucos quilômetros de Buenos Aires, daí nós [inaudível] Montevideu, Porto Alegre, Assunção, tudo que é cidade grande importante, Joinville, Curitiba, etc., etc.. Então, nós temos uma condição geográfica privilegiada, temos uma história de garra, de vontade, de força. Somos rompedores por tradição, porque nossos antepassados, ou meu avô, não sei, outros pode ser bisavô, mas era meu avô imigrante, né, temos uma capacidade de romper, de ir pro desconhecido, chegamos aqui, outras gerações foram pra Santa Catarina pra colonizar, foram pro Paraná, estão no Mato Grosso, estão indo pra Roraima, estão indo pro Tocantins, pra não sei aonde, temos então essa, essa coisa de, de romper, né? Assim como rompemos pra conquistar novos espaços, as pessoas também... Qual é a cidade que tem oitenta e cinco anos como a nossa, cento e vinte anos de colonização, mas de cidade oitenta e cinco, qual é a cidade do mundo que veio assim sem nada, com uma enxada ao ombro, tipo imigrante, e que hoje está por aí exportando tecnologia de ponta para muitos países da Europa? Conversava com o Nestor Perini há pouco, com Plínio Mioranza, nós estamos... Caxias exporta para cento e quarenta e dois países do mundo! Nós exportamos para Itália, de onde viemos com uma enxada ao ombro, exportamos tecnologia de ponta. Exportamos ônibus para setenta e dois países do mundo! Montamos uma média de vinte e três ônibus por dia, a segunda planta do mundo em montagem de ônibus! Então, é uma região que tem uma força muito grande, mas que não perdeu a alma, que não perdeu o sentimento, que é representado na Festa da Uva. Se a Festa da Uva desaparecesse, nós seríamos uma cidade fria, de ferro, de aço, a gente

sentiria apenas o malhar da forja, do martelo e ninguém vive bem numa cidade fria. Por isso que eu digo sempre: a Festa da Uva é a alma disso tudo que nós temos.

Sônia: [inaudível] Dr. Mário, muito obrigada.

Suzana: Foi ótima a entrevista.

Mário: Não disse muita bobagem?

Sônia: Não, foi ótima.

Suzana: Não.

Sônia: E a alma é a identidade, é a identidade.

Mário: É a identidade, e é verdade. Senão nós seríamos todos uns fabricantes de caminhões aí...

Transcrição em: maio de 1996.

Por: Maria Beatris Gil da Silva.

Revisão em: 27 de dezembro de 2010, dezembro de 2018 e 16 de janeiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Fabiana Zanandrea e Graciela Deon Rodrigues.

Duração: 35 minutos.

Observação: